

(...)

**Pedro Eiras**

*Universidade do Porto - ILC*

**Resumo:** “Será que estas coisas te parecem agradáveis, Teeteto, e quando as provas, te satisfazem?

- Eu cá não sei, Sócrates, pois de ti não sou capaz de perceber se as dizes por ahares que são assim, ou me estás a pôr à prova.” (Platão, *Teeteto*)

“Desorientou-me, primeiro, este homem que cantava alegremente coisas que, acreditadas ou supostas, não dão senão pena ou horror a todos – a materialidade, a morte, o não-além.” (Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do Meu Mestre Caeiro*)

“Pedro disse-Lhe: ‘Explica-nos esta parábola.’ Jesus respondeu-lhes: ‘Também vós estais ainda sem compreender?’” (Mateus, *Evangelho*)

**Palavras-chave:** citação, montagem, Fernando Pessoa, modernismo

**Abstract:** “I do not know what to say, Socrates; for, indeed, I cannot make out whether you are giving your own opinion or only wanting to draw me out.” (Plato, *Theaethetus*)

“In the beginning he confused me, this man who joyfully sang things that, should you believe them or not, only sadden or horrify everybody – materiality, death, the non-beyond.” (Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do Meu Mestre Caeiro*)

“Peter answered him, “Explain the parable to us.” So Jesus said, “Do you also still not understand?”” (*The Gospel according to Matthew*)

**Keywords:** quotation, montage, Fernando Pesssoa, Modernism

“Certos livros recebem um destino muito antes de existirem como livros: é o caso das *Passagens*, a obra inacabada de Benjamin sobre a qual se teceram muitas lendas desde que Adorno falou dela pela primeira vez num ensaio publicado em

1950.” (Rolf Tiedemann, “Introdução” a Walter Benjamin, *Paris, Capital do Século XX. O Livro das Passagens*, 1989: 11)

“Deste projecto temos milhares de páginas, estudos de material que ficaram escondidos em Paris durante a ocupação. Mas não é possível reconstruir o conjunto. A intenção de Benjamin era renunciar a toda a interpretação manifesta, fazendo com que as significações se impusessem apenas através da contrastada *montage* do material. (...) Para coroar o anti-subjectivismo, **toda a obra tinha de constar de citações.**” (Theodor W. Adorno, “Caracterização de Walter Benjamin”, 1955: 23)

“Por muito benjaminiana que esta concepção possa parecer, o editor está persuadido de que Benjamin não tinha intenção de proceder assim. Nenhuma carta corrobora esta afirmação e as duas notas das próprias *Passagens* (...) em que Adorno se apoia dificilmente podem ser interpretadas neste sentido.” (Rolf Tiedemann, “Introdução” a Walter Benjamin, *Paris, Capital do Século XX. O Livro das Passagens*, 1989: 12n)

“Como vai acontecer muitas vezes eu citar assim, pois bem, volta a ser uma citação de Benjamin por Adorno que me encoraja a pensar que o meu uso das citações deveria ser aqui tudo menos académico, protocolar e convencional, mas antes, mais uma vez, inquietante, desorientador, ou mesmo *unheimlich*.” (Jacques Derrida, *Lixados / Xailes*, 2002: 21-2)

“Uma citação, mesmo quando literal, é sempre uma interpretação.” (Luís Miguel Nava, “Intertextualidade na poesia portuguesa contemporânea”, 1991: 80)

“Há um contar de si no escolher,  
no buscar-se entre o que dos outros” (João Cabral de Melo Neto, *Museu de Tudo*, 1974: 113)

“Estou a afastar-me do tema, como sempre...” (Jacques Derrida, “O lugar dito: Estrasburgo”, 2004: 38)

“O nosso triplo paradigma – a destruição do discípulo pelo Mestre, a traição do Mestre pelo discípulo, o arco eléctrico da fé partilhada e da paternidade – é ubíquo.” (George Steiner, *As Lições dos Mestres*, 2003: 111)

“A vida de Caeiro não pode narrar-se pois que não há nela de que narrar.” (Fernando Pessoa / Ricardo Reis, *Prosa*, 2003: 46)

“Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,

Não há nada mais simples.

Tem só duas datas – a da minha nascença e a da minha morte.

Entre uma e outra coisa todos os dias são meus.” (Fernando Pessoa / Alberto Caeiro, *Poesia*, 2001: 110)

“Caeiro não é essa resposta efectiva, essa *inversão* miraculosa da visão poética anterior a ele, como Pessoa, vitalmente interessado nela, a auto-interpreta. Só o *mito Caeiro* – e em particular na boca de Campos – cumpre essa função real e impossível que o seu criador lhe atribui.” (Eduardo Lourenço, *Pessoa Revisitado*, 1973: 43)

“para si e para os seus iguais forjou, ludicamente, essa outra religião para que inventou um Mestre com seus Discípulos, que farão as vezes de Evangelistas. Sim, porque depois da morte prematura de Caeiro, em 1915, são esses Discípulos que vão dar ao Mestre, evocando a sua presença, comentando os seus ensinamentos, a verdadeira dimensão mítica.” (Teresa Rita Lopes, “Notas prévias” a Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, 1997: 24-5)

“É inútil fazer observar quão longe estava do pensamento de Jesus a ideia de um livro religioso que contivesse um código e artigos de fé. Não só não escreveu, mas até era contrário ao espírito da seita nascente a composição de livros sagrados. Todos se julgavam em vésperas da grande catástrofe final.” (Ernest Renan, *Vida de Jesus*, 1863: 271)

“a mais insignificante partícula de vida

tem mais valor que tudo o que escrevi.” (Vladímir Maiakovski, “A nuvem de calças”, 1915: 83)

“Acontece que Pessoa apenas realizou o monólogo dramático em verso que cada heterónimo foi segregando de si ao longo de sua vida (deles e dele). O diálogo que, ‘todos juntos’, entretêm não foi fixado. Ficou apenas o desafio feito ao leitor, a quem finalmente incumbe a encenação dos esparsos monólogos.” (Teresa Rita

Lopes, “Notas prévias” a Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, 1997: 18)

“Mas nem mesmo Lévi-Strauss seria capaz de ler os textos como o próprio Omnipotente.” (Terry Eagleton, *Teoria Literária. Uma introdução*, 1983: 105)

“este texto terá que ser sempre uma montagem” (Teresa Rita Lopes, “Notas prévias” a Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, 1997: 21)

“Caeiro inesperadamente, com a sua costumada prontidão divina.” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, 1997: 60)

“Ora, João, no cárcere, ouvira falar das obras de Cristo. Enviou-Lhe os seus discípulos com esta pergunta: “És Tu aquele que há-de vir ou devemos esperar outro?”” (*Evangelho segundo S. Mateus*, 11: 2-3)

“havia uma quantidade quase infinita de pássaros; S. Francisco ficou maravilhado e disse aos companheiros: ‘Esperai por mim aqui na estrada, pois vou pregar aos meus irmãos pássaros’.” (*Florilégio*, s/d: 68)

“O seu comentário a S. Francisco de Assis dá tudo. Li-lhe uma vez, traduzindo rapidamente, parte das ‘Florinhas’. Não li mais porque ele, indignado ou quase, me interrompeu com incómodo próprio. ‘É bom homem, mas está bêbado’, disse o meu mestre Caeiro. Pareceu-me isto, no repente, um impulso sem expressão apropriada; mas, logo a seguir, reparei na deliquescência de enternecimento do Santo, na candura da sua alma por trás desse e reconheci a fotografia.”  
(Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, 1997: 87)

“A força de uma ética julga-se pelo comportamento dos santos” (Umberto Eco, *Cinco Escritos Morais*, 1997: 95)

“Todo o regime de santos terá de ser horrível. Porquê? Porque a natureza humana não é santa.” (D. H. Lawrence, *Apocalipse*, 1930: 26)

“Os factos a que me refiro como sendo graves são de outra ordem. Este, por exemplo: Que se deve abandonar pai e mãe para seguir Cristo. (Não que este seja, também, dos pontos mais em risco de que muita gente o cumpra) Mas repare-

se como briga com a moral cristã normal, que recomenda afeição e carinho pelos progenitores.” (Fernando Pessoa / Ricardo Reis, *Prosa*, 2003: 248)

“Quem amar o pai ou a mãe mais do que a Mim, não é digno de Mim. (...) Aquele que tenta conservar para si a vida, perdê-la-á.” (*Evangelho segundo S. Mateus*, 10: 37, 39)

– Por Zeus! – respondeu Meleto – Eu sei de pessoas às quais convenceste a que te obedecessem mais a ti do que aos próprios pais. – Concordo – anuiu Sócrates –. Pelo menos, no que diz respeito à educação, pois sabem que esse é a área pela qual me interessei.” (Xenofonte, *Apologia de Sócrates*, s/d: 108)

“Estava Ele ainda a falar à multidão, quando apareceram Sua mãe e Seus irmãos, que do lado de fora procuravam falar-Lhe. Disse-Lhe alguém: ‘A Tua mãe e os Teus irmãos estão lá fora e querem falar-Te.’ Jesus respondeu ao que Lhe falara: ‘Quem é a Minha mãe e quem são os Meus irmãos?’ E, indicando com a mão os discípulos, acrescentou: ‘Aí estão Minha mãe e Meus irmãos; pois todo aquele que fizer a vontade de Meu Pai que está nos céus, esse é Meu irmão, Minha irmã e Minha mãe’.” (*Evangelho segundo S. Mateus*, 12: 50)

“Famílias, eu vos odeio! lares encerrados; portas trancadas; posses ciumentas da felicidade. – Por vezes, invisível na noite, fiquei debruçado sobre uma janela, a observar demoradamente a rotina de uma casa. O pai jazia junto do candeeiro; a mãe cosia; o assento de um ancião permanecia vazio; uma criança, junto do pai, estudava; – e o meu coração encheu-se do desejo de a levar comigo, pelas estradas.” (André Gide, *Os Alimentos Terrestres*, 1897: 67)

“Uma criança que ainda não sabe escrever diz que odeia os pais.

E quer escrever isso no papel: que odeia os pais.

Sabe algumas letras, mas ainda não sabe escrever. Pergunta à mãe como se escreve o nome dela e o do pai. A mãe diz-lhe, soletra, explica. Depois o menino pergunta como se escreve *odeio-vos*. A mãe hesita, mas depois soletra, explica, ajuda a desenhar as letras.”

(Gonçalo M. Tavares, *Short Movies*, 2011: 77)

“e o estranho ar grego, que vinha de dentro e era uma calma, e não de fora, porque não era expressão nem feições.” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, “Notas para a recordação do meu mestre Caeiro”, 1931: 38)

“Os próprios gregos da grande Grécia, criadores do Objectivismo, não atingiram o Objectivismo Transcendente do assombroso português, a quem a Fama nada deu, porque ele nada lhe pediu” (Fernando Pessoa / Ricardo Reis, *Prosa*, 2003: 63)

“Hölderlin e Nietzsche, diferentemente dos seus contemporâneos, não escreviam *sobre* os Gregos, mas podiam, ocasionalmente, ser eles próprios gregos.” (Roberto Calasso, *A Literatura e os Deuses*, 2001: 61)

“O meu mestre Caeiro não era um pagão: era o paganismo. (...) Em Caeiro não havia explicação para o paganismo; havia consubstanciação.” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, “Notas para a recordação do meu mestre Caeiro”, 1931: 42)

“A célebre frase ‘o grande Pã morreu’ queria talvez anunciar, não o desaparecimento da idolatria, mas a morte de Cristo – sendo Cristo o grande Pã, o grande Todo. Platão no *Crátilo* diz que Pã é o ‘logos’. No *Timeu* ele dá esse nome à Alma do Mundo.” (Simone Weil, *Carta a um Homem Religioso*, 1951: 29)

“Quando e onde morreu a última pessoa que ainda acreditava na existência de Zeus?” (David Markson, *Isto não é um Romance*, 2001: 162)

“Porque também os deuses,  
pelo menos os poucos que restavam,  
acabaram por entrar na fila.” (Roberto Juarroz, *Poesia Vertical*, 1998: 37)

“Para Caeiro, objectivista absoluto, os próprios deuses pagãos eram uma deformação do paganismo. Objectivista abstracto, os deuses já eram a mais no seu objectivismo. Ele bem via que eles eram feitos à imagem e semelhança das coisas materiais; mas não eram as coisas materiais, e isso lhe bastava para que nada fossem.” (Fernando Pessoa / Ricardo Reis, *Prosa*, 2003: 134)

“olhando-me com uma formidável infância” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, “Notas para a recordação do meu mestre Caeiro”, 1931: 44)

“Sou um selvagem, uma criança – ou um maníaco; ponho de lado todo o saber, toda a cultura, abstenho-me de ser herdeiro de um outro olhar.” (Roland Barthes, *A Câmara Clara*, 1980: 77)

“Se o homem aprendesse a falar a linguagem original da inocência, não recuperaria assim um estado de inocência dentro de si próprio? Bastaria olharmos para o exemplo de Cristo, argumentava Dark, para compreendermos que assim era. Pois não era Cristo um homem, uma criatura de carne e sangue? E não falava Cristo essa linguagem pré-Queda?” (Paul Auster, *Cidade de Vidro*, 1985: 54)

“Naquele momento, os discípulos aproximaram-se de Jesus, e perguntaram-Lhe: ‘Quem é o maior no reino dos céus?’ Ele chamou um menino, colocou-O no meio deles e disse: ‘Em verdade vos digo: Se não voltardes a ser como a criancinhas, não podereis entrar no reino dos céus. (...) Quem receber um menino como este, em Meu nome, é a Mim que recebe. (...)’” (*Evangelho segundo S. Mateus*, 18: 1-7)

“Jesus viu crianças que mamavam. Disse aos seus discípulos: Estas crianças que mamam são semelhantes aos que entram no Reino. Disseram-lhe: Então, se nos tornarmos crianças entraremos no Reino?” (*Evangelho de Tomé*, s/d: 86)

“O que realmente recebemos daqueles versos é a sensação infantil da vida, com toda a materialidade directa dos conceitos da infância, e toda a espiritualidade vital da esperança e do crescimento, que são do inconsciente, da alma, do corpo, da infância.” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, 1997: 84)

“Ao contrário de cientistas menores, que costumavam se perder na matemática, Einstein pensava imagens físicas simples – trens em alta velocidade, elevadores em queda, foguetes e relógios em movimento. Essas imagens mentais o conduziram, de forma infalível, às maiores ideias do século XX. Ele escreveu: ‘Todas as teorias físicas, apesar de sua expressão matemática, deveriam se prestar a uma descrição tão simples que até uma criança pudesse entender’.” (Michio Kaku, *O Cosmos de Einstein*, 2004: 34)

“Todos os grandes poetas são simples. E, se são difíceis de compreender, é que a sua simplicidade envolve princípios novos, uma noção nova das coisas” (Fernando Pessoa / Ricardo Reis, *Prosa*, 2003: 58)

“Primeiro, os olhos azuis de criança que não tem medo” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, “Notas para a recordação do meu mestre Caeiro”, 1931: 38)

“Sócrates, olhando-nos penetrantemente como era seu costume fazer, sorriu” (Platão, *Fédon*, s/d: 104)

“Toda a coisa que vemos devemos vê-la sempre pela primeira vez, porque realmente é a primeira vez que a vemos. (...) É pena a gente não ter exactamente os olhos para saber isso, porque então éramos todos felizes.” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, “Notas para a recordação do meu mestre Caeiro”, 1931: 41)

“O processo de singularização em L. Tolstoi consiste no facto de ele não chamar o objecto pelo seu nome, mas em o descrever como se o visse pela primeira vez” (Victor Chklovski, “A arte como processo”, 1917: 82)

“O criador, um dia, procurou companheiros que fossem filhos da sua própria esperança; e eis que surgiu que não os podia encontrar a menos que ele próprio os criasse primeiro.” (Friedrich Nietzsche, *Assim Falava Zaratustra*, III, 1884: 178)

“Sinto a ausência de um mestre para as minhas constantes interrogações. Alguém terá de vir.” (Maria Gabriela Llansol, *Finita*, 1987: 34)

“Por mim, antes de conhecer Caeiro, eu era uma máquina nervosa de não fazer coisa nenhuma. (...) Conheci Caeiro em 1914. Já tinha escrito versos (...) E de aí em diante, por mal ou por bem, tenho sido eu.” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, 1997: 74)

“Partindo Jesus dali, viu um homem chamado Mateus, sentado ao telónio, e disse-lhe: “Segue-Me!” E ele levantou-se e seguiu-O.” (*Evangelho segundo S. Mateus*, 9: 9)



“Caeiro, reconstrutor do Paganismo, ou, melhor, fundador dele no que eterno, trouxe-lhe a matéria de sensibilidade que lhe faltava. E Ricardo Reis encontrou-se o pagão que já era antes de se encontrar. Antes de conhecer Caeiro, Ricardo Reis não escrevera um único verso, e quando conheceu Caeiro tinha já vinte e cinco anos.” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, 1997: 73)

### “SÓCRATES

(...) muito mais bela se torna a ocupação nestas matérias, quando alguém, no uso da arte dialéctica, toma uma alma apta e nela planta e semeia discursos com entendimento – discursos capazes de vir em socorro de si mesmos e de quem os plantou, não improdutivos mas possuidores de germen, de que mais discursos nascem em outros temperamentos e podem tornar para sempre essa semente imortal, e assim conceder ao seu detentor o mais alto grau de felicidade que um ser humano pode ter.” (Platão, *Fedro*, s/d: 125)

“Caminhando ao longo do mar da Galileia, viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e seu irmão André, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes: ‘Vinde após Mim e Eu farei de vós pescadores de homens.’ E eles, imediatamente, deixaram as redes e seguiram-n’O.” (*Evangelho segundo S. Mateus*, 4: 18-20)

“o efeito em mim foi de receber de repente, em todas as minhas sensações, uma virgindade que não tinha tido.” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, “Notas para a recordação do meu mestre Caeiro”, 1931: 39)

“Para que as armas do nosso ego, ou os nossos próprios brinquedos escondidos sejam tirados das nossas caixas-de-ilusão, das nossas caixas-de-fantasia, é necessário que as nossas cabeças sejam cortadas, não por nós mesmos, mas por um mestre, ou mestres autênticos. O ego não pode ser cortado pela espada do próprio ego.” (Hôgen Yamahata, *Folhas Caem, um Novo Rebento*, s/d: 49)

“O recém-iniciado (...), o que contemplou largamente as realidades de outrora, quando vê uma face divina ou alguma forma do corpo, que imitam bem a beleza, sente primeiro um estremecimento e invadem-no alguns dos

temores do passado; em seguida, fixando o olhar, venera-a como a um deus.” (Platão, *Fedro*, s/d: 67)

“Tomando a palavra, Simão Pedro respondeu: ‘Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo.’ Jesus disse-lhe em resposta: ‘És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne nem o sangue quem to revelou, mas o Meu Pai que está nos céus. Também Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a Minha Igreja e as portas do inferno nada poderão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus, e tudo quanto ligares na terra ficará ligado nos céus, e tudo quanto desligares na terra será desligado nos céus.”

(*Evangelho segundo S. Mateus*, 16: 13-9)

“Nessa altura senti carnalmente que estava discutindo, não com outro homem, mas com outro universo.” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, “Notas para a recordação do meu mestre Caeiro”, 1931: 44)

“Se o criador deve ser ele próprio a criança que se trata de dar à luz, é preciso que ele aceite também ser a mãe em trabalho de parto e as dores do parto.”

(Friedrich Nietzsche, *Assim Falava Zaratustra*, II, 1883: 94)

“S. – Estás com as dores do trabalho de parto, meu caro Teeteto, pois não estás vazio, mas prenhe.

TEET. – Não sei, Sócrates. No entanto, digo-te o que sofro.

S. – Então, engraçadinho, nunca ouviste que eu sou filho de Fenárete, a mais famosa e hábil parteira?

TEET. – Já ouvi isso, de facto.

S. – E não ouviste que eu próprio pratico essa arte?

TEET. – Nunca.

S. – Pois fica sabendo que sim. No entanto, não me denuncies aos outros, pois é segredo que possuo esta arte, meu caro. Não é isso que dizem de mim, pois não sabem, mas afirmam que sou muito esquisito e causo perplexidade aos homens.”

(Platão, *Teeteto*, s/d: 199-200)

“Ó meus irmãos, todo o recém-nascido está destinado a ser sacrificado. E nós somos recém-nascidos.” (Friedrich Nietzsche, *Assim Falava Zaratustra*, III, 1884: 224)

“E o mais importante desta nossa arte está em poder verificar completamente se o pensamento do jovem pariu uma fantasia ou

mentira, ou se foi capaz de gerar também uma autêntica verdade. Pois isto é o que justamente a minha arte partilha com a das parteiras: sou incapaz de produzir saberes. Mas disso já muitos me criticaram, pois faço perguntas aos outros, enquanto eu próprio não presto declarações sobre nada, porque nada tenho de sábio; e o que criticam é verdade. A causa disso é a seguinte: o deus que me obriga a fazer nascer, impediu-me de produzir.” (Platão, *Teeteto*, s/d: 202)

“Não, nem que dependesse de Lóri, ela não quererá ter com muita frequência o estado de graça. Seria como cair num vício, iria atraí-la como um vício, ela se tornaria contemplativa como os tomadores de ópio. E se aparecesse mais a miúdo, Lóri tinha certeza de que abusaria: passaria a querer viver permanentemente em graça. E isto representaria uma fuga imperdoável ao destino humano, que era feito de luta e sofrimento e perplexidade e alegrias.” (Clarice Lispector, *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, 1969: 119)

“ainda não fui capaz, como manda a inscrição délfica, de me conhecer a mim mesmo. Parece-me ridículo que, desconhecendo ainda dessa realidade, me dedique ao exame do que me é estranho.” (Platão, *Fedro*, s/d: 31)

“– Estás a pensar? – perguntou.

– Não – respondeu a miúda.

– Então *pensa* – disse Madame von Bartmann com uma voz forte, voltando-se para ela. – Pensa em tudo, o bom, o mau, o indiferente; em tudo, e *faz* tudo, *tudo*! Antes de morrer, tenta saber o que és.”

(Djuna Barnes, *Uma Noite entre os Cavalos*, 1929: 21)

“– Conhece-te a ti próprio!

Eu já me conheço. E isso não me facilita em nada o conhecimento do outro. Pelo contrário, quando começo a avaliar alguém de acordo comigo própria, surge um mal entendido após outro.” (Marina Tsvietaieva, *Indícios Terrestres*, 1919: 64-5)

“chamar-te-ão ‘o que se conheceu a si mesmo’. Porque o que não se conheceu a si mesmo não conheceu nada, mas o que se conheceu a si mesmo começou já a ter conhecimento sobre a profundidade do Todo.” (*Livro de Tomé, o Atleta*, s/d: 264)

“colocar no átomo o ‘conhece-te a ti mesmo’.” (Gonçalo M. Tavares, *Livro da Dança*, 2001: 100)

“Mas aquele que soube descobrir-se a si mesmo proclama: ‘Este é o meu bem, este é o meu mal.’ Com isso tapou a boca à toupeira, ao anão que diz: ‘Um único bem para todos, um único mal para todos.’” (Friedrich Nietzsche, *Assim Falava Zaratustra*, III, 1884: 217)

“Não é necessário que todo aquele que possui tudo conheça tudo?” (*Evangelho de Filipe*, s/d: 47)

“Se tivesse a tolice de se perguntar ‘quem sou eu?’ cairia estatelada e em cheio no chão. É que ‘quem sou eu?’ provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto.” (Clarice Lispector, *A Hora da Estrela*, 1977: 18)

“Conhece-te a ti mesmo. Máxima tão perniciosa quanto hedionda. Quem se observe a si próprio paralisa o seu desenvolvimento. A lagarta que procurasse ‘conhecer-se a si própria’ nunca se tornaria borboleta.” (André Gide, *Os Novos Alimentos*, 1935: 222)

“Só uma vez se fez uma trágica pergunta: quem sou eu? Assustou-se tanto que parou completamente de pensar.” (Clarice Lispector, *A Hora da Estrela*, 1977: 36)

“Nós, os investigadores do conhecimento, desconhecemo-nos. E é claro: pois se nunca nos *procurámos*, como havíamos de nos *encontrar*?” (Friedrich Nietzsche, *A Genealogia da Moral*, 1887: 9)

“Jesus chamou os discípulos e deu-lhes poder de expulsar os espíritos impuros e de curar toda a enfermidade e toda a doença. São estes os nomes dos apóstolos: Primeiro, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu e João, seu irmão, Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão, o Cananeu, e Judas Iscariotes, que O traiu.” (*Evangelho segundo S. Mateus*, 10: 1-4)

“tal como Cristo, no início da sua pregação, apelou a doze apóstolos para que desprezassem tudo o que é deste mundo e o seguissem em pobreza e em outras virtudes, assim S. Francisco, no início da fundação da Ordem, escolheu doze companheiros que abraçaram a mais extrema pobreza.” (*Florilégio*, s/d: 29)

“Em torno do meu mestre Caeiro havia, como se terá depreendido destas páginas, principalmente três pessoas – o Ricardo Reis, o António Mora e eu. Não faço favor a ninguém, nem a mim, dizendo que éramos, e somos, três indivíduos, absolutamente distintos, pelo menos pelo cérebro, da humanidade corrente e animal. E todos nós três devemos o melhor da alma que hoje temos ao nosso contacto com o meu mestre Caeiro.” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, 1997: 73)

“Os discípulos disseram a Jesus: Sabemos que tu nos deixarás. Quem é o que vai ser o maior dentre nós?” (*Evangelho de Tomé*, s/d: 83)

“os jovens que dispõem de mais tempo livre, aqueles que pertencem às famílias mais ricas, buscam espontaneamente o meu convívio, sentindo prazer em ouvir os interrogatórios a que submeto as pessoas. Eles próprios procuram muitas vezes imitar-me, investigando, por seu lado, a ciência dos outros. Hão-de, por certo, encontrar grande número de homens que julgam saber alguma coisa quando, na realidade, sabem pouco ou nada. Daqui resulta que aqueles que são por eles submetidos a este exame se irritam, não contra eles, mas contra mim, dizendo que há um certo Sócrates, homem perversíssimo, que corrompe a juventude. E, quando alguém lhes pergunta o que é que Sócrates faz ou ensina para conseguir isto, não podem responder-lhe porque não sabem.” (Platão, *Apologia de Sócrates*, s/d: 26-7)

“Quando Caeiro, no seu poema principal, exclama:

*A Natureza [é partes] sem um todo,*

afirma uma ideia que é inteiramente estranha à nossa mentalidade, uma ideia *que nenhum de nós podia ter*. Podemos, é claro, compreendê-la; mas não podemos nunca compreender como alguém a teve.

Ora toda a obra de Caeiro é composta de ideias dessas.” (Fernando Pessoa / Ricardo Reis, *Prosa*, 2003: 73)

“– Bem... Não sei muito bem o que fazia – disse Teddy. – (...) Acho que primeiro reunia as crianças todas e lhes mostrava como meditar. Tentava mostrar-lhes como descobrir quem *são*, e não apenas os nomes delas e coisas do género... Acho que, mesmo antes disso, as levava a esvaziarem-

se de tudo o que os pais e toda a gente lhes disse. Quer dizer, mesmo que os pais só lhes tenham dito que um elefante é grande, fazia com que se esvaziassem *disso*. (...) Nem sequer lhes dizia que a erva era verde. As cores não passam de nomes. Quer dizer, se lhes dizemos que a erva é verde, isso faz com que estejam à espera que a erva tenha um certo aspecto, o aspecto que está na cabeça delas, em vez de outro aspecto qualquer que pode ser tão bom, ou mesmo muito melhor do que esse... (...)

– Não havia o risco de se estar a educar uma geração de ignorantes?” (J. D. Salinger, *Nove Contos*, 1948: 186-7)

“Enquanto outros publicam ou trabalham, passei três anos de viagem, pelo contrário, a esquecer tudo o que tinha aprendido. Essa desinstrução foi lenta e difícil; foi-me mais útil do que todas as instruções impostas pelos homens, e o início de uma verdadeira educação.” (André Gide, *Os Alimentos Terrestres*, 1897: 19)

“Na verdade, não é obrigatório que o homem seja educado. Ele faz sua educação por si só. De uma forma ou de outra, ele se educa.” (Jacques Lacan, *O Triunfo da Religião*, 1974b: 59)

“Penso, há alguns dias, intensamente, que não temos nada a ensinar a ninguém mas que temos muito a aprender de muitas pessoas, incluindo as pessoas que somos e que instamos a recolher-se num esconderijo. Só o amor me faz pensar.” (Corbe, “Do amor”, in Saguenaill, *Toda a Tremura*, 2011: 44)

“O mais sábio de vós, ó mortais, é aquele que, como Sócrates, reconheceu que o seu saber é, na verdade, inteiramente desprovido de valor’.” (Platão, *Apologia de Sócrates*, s/d: 26)

– Tem-se a impressão de que cada vez que é levado a tomar uma posição, você retira-lhe a importância pela ironia ou pelo sarcasmo.

– Sempre. Porque não acredito nela.

– Mas em que acredita?

– Em nada! A palavra ‘crença’ é um erro também. É como a palavra ‘julgamento’. São dados terríveis sobre os quais o mundo está baseado. Espero que, na Lua, não seja assim.

– Todavia acredita em si?

- Não.
- Nem isso?
- Não acredito na palavra ‘ser’. O conceito ser é uma invenção humana.” (Marcel Duchamp, *Engenheiro do Tempo Perdido. Entrevistas com Pierre Cabanne*, 1966: 137)

“Sobre isso, solto a resposta do discurso analítico à incongruência da pergunta: que posso saber? Resposta: nada que não tenha em todo caso a estrutura da linguagem, de onde resulta que até onde irei *nesse* limite é uma questão de lógica.” (Jacques Lacan, *Televisão*, 1974a: 65)

“O meu mestre Caeiro era um mestre para toda a gente com capacidade para ter mestre.” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, 1997: 72)

“Cada um tem o Sócrates que merece.” (Francis Wolff, *Sócrates*, 1985: 13)

“Vós sois o sal da terra! Ora, se o sal se corromper, com que se há-de salgar?” (*Evangelho segundo S. Mateus*, 5: 13)

“O judeu sabe que não basta acreditar numa verdade, mas que é preciso, em cada instante, merecê-la (...)

O que é merecido – a partilha de um vocábulo – é, porventura, o que está selado na palavra do livro.” (Edmond Jabès, • *(El, ou o último livro)*, 1973: 471)

“São Tomás usou a palavra *abalieta*. Quis indicar assim que qualquer criatura humana, nascida do outro, fundada sobre o outro, instruída pelo outro, apenas funcionava *ab alio*, submetida às vontades e caprichos de uma alteridade irreduzível. Não passamos de produtos derivados; língua, identidade, corpo, memória, tudo em nós é derivado. (...) O fascínio antecede a identidade.” (Pascal Quignard, *As Sombras Errantes*, 2002: 132)

“as coisas se passavam na realidade como nesse jogo de crianças em que uma agarra na mão da outra, a aperta até e grita ao mesmo tempo: ‘Mas vai-te embora, vai-te embora então, por que não te vais embora?’ O que, no nosso caso, se complicava ainda com a sinceridade com a qual dizias desde sempre: ‘Vai-te embora, então!’,

pois que desde sempre, é unicamente em virtude da tua natureza que me susténs, ou mais exactamente que me manténs em teu poder.”

(Franz Kafka, *Carta ao Pai*, 1919: 62)

“Se o mestre deve ser a oportunidade para despertar a recordação do discípulo, como pode contribuir para que este se recorde, quer dizer, para que saiba a verdade, se um discípulo é a não-verdade? O que o mestre pode então permitir-lhe recordar é que, com efeito, ele é a não-verdade. Mas é precisamente este voltar-se do discípulo sobre si mesmo que o exclui da verdade, mais do que o ignorar, anteriormente, que ele é a não-verdade. Assim o mestre, através deste mesmo despertar da recordação no discípulo, afasta-o de si mesmo, com a única diferença de o discípulo, por este voltar-se sobre si próprio, em vez de descobrir que sabia a verdade, descobrir a sua não-verdade” (Søren Kierkegaard, *Migalhas Filosóficas*, 1844: 48-9)

“Mau aprendiz, não mereço ser mestre;

é árduo o que conheço, e não é meu,

nem nunca, nesta estrada, apareceu

um fantasma celeste que me desse

o mapa da verdade revelada” (António Franco Alexandre, *Aracne*, 2004: 42)

“Não é preciso morrer para se estar morto.” (Marina Tsvietaieva, *Meu Irmão Feminino* (*Carta à Amazona*), 1934: 48)

“Ao escravo foi dado poder. É mais do que a natureza dele pode suportar.” (Karl Kraus, *Os Últimos Dias da Humanidade*, 1922: 42)

“Quem quiser comandar, medite nestas palavras terríveis antes de decidir se não foi feito, afinal, para obedecer.” (Élie Faure, *Nietzsche*, 1911: 73)

“Que pode um chefe contra um exército de supersticiosos? Deixa-me em paz, disse eu.” (Christa Wolf, *Cassandra*, 1983: 69)

“Depois de engolir, com dificuldade, parte do pão molhado, levantou os olhos para eles. Viu-os tal como eram: limitados, de vidas mesquinhas, sem qualquer esplendor de gestos ou coragem. Mas eram o que eram, partes lentas e inevitáveis do mundo natural. Nobreza não tinham, mas o medo gerava neles compaixão.” (D. H. Lawrence, “O homem que morreu”, 1920: 132-3)



“Pedro disse-Lhe: “Explica-nos esta parábola.” Jesus respondeu-lhes: “Também vós estais ainda sem compreender? (...)”” (*Evangelho segundo S. Mateus*, 15: 15-20)

“TEET. – Pelos deuses, Sócrates, como me espanto muitíssimo com o facto de ser assim e, por vezes, quando verdadeiramente olho para isso, fico tonto.” (Platão, *Teeteto*, s/d: 212)

“SÓCRATES (*saindo de casa, furioso*)

Pela Respiração! Pelo Caos! Pelo Ar! Nunca vi homem nenhum tão bronco como este, tão azelha, tão desajeitado e tão esquecido. Em pleno aprendizado, dumas coisitas de chacha, pumba: varrem-se-lhe da memória, mesmo antes de as ter aprendido.” (Aristófanes, *Nuvens*, 423 a.C.: 379)

“Primeiro, falei-vos em parábolas e não entendestes. Agora também falo-vos abertamente e não compreendeis.” (*Apócrifo de Tiago*, s/d: 287)

“Ao ouvirem isto, os discípulos caíram por terra, muito assustados.” (*Evangelho segundo S. Mateus*, 17: 6)

“– Senhor: temos medo de pronunciar perante ti um sem número de palavras.” (*Actos de Pedro e dos Doze Apóstolos*, s/d: 231)

“O meu destino pertence a outra Lei, de cuja existência a Ofelinha nem sabe, e está subordinado cada vez mais à obediência a Mestres que não permitem nem perdoam.” (Fernando Pessoa, carta a Ofélia Queirós, 1920: 361)

“Era muito voraz. Devorava os discípulos e depois cuspiam só aquela grainhazinha deles, quer dizer, aquela mínima porção que não lhe interessava.” (Ana Hatherly, *O Mestre*, 1963: 58)

“ao Mestre o que serviram foi os olhos da Discípula num prato, num prato de osso” (Ana Hatherly, *O Mestre*, 1963: 59)

“Mais exacto será que os Mestres hoje em dia se parecem com aquele jardineiro que manobrasse uma aperfeiçoada máquina de cortar a relva: os Mestres apontam as lâminas da máquina para as cabeças dos discípulos e passam por cima delas até ficarem todas absolutamente no mesmo nível. As que estiverem acima ou as que estiverem abaixo do nível desejado serão eliminadas ou modificadas: às primeiras

tira-se-lhes altura, às segundas põe-se-lhes uma altura postiça. O que é preciso é que o relvado fique bem liso para depois os Mestres passearem por cima dele sem o perigo de tropeçarem nas elevações ou caírem nalgum buraco.

Mas não são os discípulos que pedem: Cultivai! Cultivai o nosso Jardim! Cultivai-nos!?” (Ana Hatherly, *O Mestre*, 1963: 67)

“À frente de Plume havia um homem, e quando deixava de fixar o rosto desse homem ele desfazia-se, decompunha-se num esgar e o maxilar caía sem força.

Ah! Ah! – pensava Plume. – Ah! Ah! Como a criação por aqui ainda é mole! Mas que responsabilidade a nossa! Preciso de ir para uma terra onde as caras estejam fixadas de uma forma mais definitiva, onde seja possível fixar e desviar olhares sem haver catástrofe.” (Henri Michaux, *Um Certo Plume*, 1930: 40)

“– Sim, sim! disse o comerciante de olhos de vidro – os seus olhos vê-se que não são seus, o senhor usa-os muito mal!

(...)

– Tudo isso são acidentes irrelevantes, retorqui o comerciante de olhos, com entusiasmo – o senhor não deve insistir neles. O facto importante é que os seus olhos são do seu pai. O senhor precisa de escolher um de dois caminhos: ou se transforma realmente no seu pai, ou adquire novos e propriamente seus, olhos de vidro. A escolha é inteiramente sua, meu amigo. Não pense nem por um momento que lhe desejo vender olhos novos. Além disso o desajuste é mínimo e só eu com a minha longa experiência de olhos de vidro posso notar e impressionar-me com tal facto...” (E. M. de Melo e Castro, *Antologia para Inici-antes*, 2003: 200)

“Não nos tornamos nós professores por não termos conseguido deixar a escola?” (Antoine Compagnon, *Para que Serve a Literatura?*, 2007: 9)

“No final, um verdadeiro Mestre deve estar só.” (George Steiner, *As Lições dos Mestres*, 2003: 88)

“os verdadeiros discípulos do grande artista não são os seus imitadores, mas os que se tornam semelhantes às suas obras, os que conseguem recriar-se tão plásticos como na Grécia antiga” (Oscar Wilde, *O Declínio da Mentira*, 1889: 46-7)

“Discípulo, como comovidamente sou, do meu mestre Caeiro, sou discípulo com inteligência, e portanto com crítica. Nem ele queria ser seguido de outra maneira, pois não gostava de animais.” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, 1997: 67)

“Frederico N. está próximo de mim (...)

Ele diz:

Mas não escrevo o que ele diz.” (Maria Gabriela Llansol, *Finita*, 1987: 66-7)

“Não volteis ao que haveis vomitado para comê-lo.” (*Evangelho da Verdade*, s/d: 154)

“DADA duvida de tudo. Dada é tatu. Tudo é Dada. Desconfiem de Dada.” (Tristan Tzara, “Dada manifesto sobre o amor débil e o amor amargo”, 1924: 41)

“FILHA: (...) agora prefiro jogar este jogo. Só que não sei que tipo de jogo é este. Nem que regras tem.

PAI: E mesmo assim estamos a jogá-lo há já bastante tempo.” (Gregory Bateson, *Metadiálogos*, 1972: 34)

“ninguém tem a certeza de continuar até ao fim na graça de Deus.” (*Florilégio*, s/d: 30)

“Será que estas coisas te parecem agradáveis, Teeteto, e quando as provas, te satisfazem?

TEET. – Eu cá não sei, Sócrates, pois de ti não sou capaz de perceber se as dizes por ahares que são assim, ou me estás a pôr à prova.” (Platão, *Teeteto*, s/d: 215)

“Desorientou-me, primeiro, este homem que cantava alegremente coisas que, acreditadas ou supostas, não dão senão pena ou horror a todos” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, 1997: 83)

“Isso é um bocado confuso para mim’ hesitou Caeiro” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, 1997: 60)

“(…) A pedra é só pedra.’

‘E o que quer isso dizer?’

‘Não sei (…)’” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, 1997: 61-2)

“V. sabe, Caeiro’, disse o F. reflectivamente: ‘v. está a elaborar uma filosofia um tanto ou quanto contrária ao que v. pensa e sente. (…)’” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, 1997: 62)

“Jesus já não era livre; pertencia ao seu papel, e de certa maneira à humanidade. Poderia dizer-se que algumas vezes se perturbava a sua razão. Tinha uma espécie de agonias e agitações interiores. Causava-lhe vertigens a grande visão do reino de Deus, que continuamente flamejava diante dos seus olhos. Por momentos os seus amigos julgaram-no louco. (...) Os seus discípulos às vezes nem o compreendiam já; e tinham na presença dele uma espécie de sentimento de receio.” (Ernest Renan, *Vida de Jesus*, 1863: 288-9)

“– Não tenha medo, disse ele sorrindo, não tenha medo de meu silêncio... Sou um louco mas guiado dentro de mim por uma espécie de grande sábio...” (Clarice Lispector, *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, 1969: 60)

“Alguns Mestres destruíram os seus discípulos (...) Em contrapartida, alguns discípulos, pupilos, aprendizes subverteram, traíram e arruinaram os seus Mestres.” (George Steiner, *As Lições dos Mestres*, 2003: 11)

“CLAIRE

Adiante. Passemos o prelúdio. Aos insultos.

SOLANGE

A senhora encanta-me. Nunca serei capaz.

CLAIRE

Insultos, disse eu. Não pensa que me mandou pôr este vestido para me ouvir a cantar a minha beleza. Cubra-me de ódio! De insultos! De escarros!” (Jean Genet, *As Criadas*, 1968: 99)

“E, pela primeira vez na minha inocente e recatada vida, senti em mim uma potencialidade para a corrupção que me cortou a respiração.” (Angela Carter, *O Quarto dos Horrores*, 1979: 15)

“Talvez uma fotografia nos diga tudo: Mestre e discípulo passeiam no campo, em 1921. De chapéu de aba larga e bengala, Husserl é a imagem do *Herr Ordinarius* envelhecido, a sua ascendência judia quase indisfarçável. De braços firmemente cruzados, em traje de montanhês da Floresta Negra, o jovem *Assistent* parece absorvido num qualquer imperioso monólogo. Heidegger não olha para Husserl, que se inclina muito ligeiramente na direcção dele.” (George Steiner, *As Lições dos Mestres*, 2003: 73)

“Não, não aceitei nunca o critério de Caeiro sobre” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, 1997: 68)

“Assim, nunca aceitei aquele critério que há em Caeiro” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, 1997: 67)

“culpo-o, e severamente o culpo (como severamente, em pessoa, o culpei)” (Fernando Pessoa / Ricardo Reis, *Prosa*, 2003: 153)

“No exterior, toda essa educação produziu um primeiro efeito: comecei a fugir de tudo o que, mesmo de longe, pudesse fazer-me pensar em ti.” (Franz Kafka, *Carta ao Pai*, 1919: 30)

“Meu mestre e meu guia!

A quem nenhuma coisa feriu, nem doeu, nem perturbou,  
Seguro como um sol fazendo o seu dia involuntariamente,  
Natural como um dia mostrando tudo,  
Meu mestre, meu coração não aprendeu a tua serenidade.  
Meu coração não aprendeu nada.

(...)

Porque é que me chamaste para o alto dos montes

Se eu, criança das cidades do vale, não sabia respirar?

(...)

Para que me tornaste eu? Deixasses-me ser humano!” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, poema sem título, iniciado pelo verso “Mestre, meu mestre querido!”, 1928: 246-7)

“E quando se restitui a vista ao cego, ele vê na terra demasiadas coisas mas maldiz aquele que o curou.” (Friedrich Nietzsche, *Assim Falava Zaratustra*, II, 1883: 153)

“voltou a dar saúde a um doente: // que se enforcou depois com o próprio cinto.” (Ulla Hahn, *Fogo de Alegria*, 1985: 121)

“Então um dos doze, chamado Judas Iscariotes, foi ter com os príncipes dos sacerdotes e disse-lhes: “Quanto me dareis se eu vo-Lo entregar?”” (*Evangelho segundo S. Mateus*, 26: 14-5)

“Amanhã ou depois de amanhã vou perguntar-lhe com que é que sonhou hoje, domingo, exactamente à uma e um quarto da madrugada. Eu sonhei consigo morto.” (Marina Tsvietaieva, *Noites Florentinas*, 1933: 62)

“E ela olhou-o de novo e viu que não era o Messias. O Messias não se erguera. (...) O homem erguido era a morte do seu sonho.” (D. H. Lawrence, “O homem que morreu”, 1920: 138)

“Nos ‘Poemas Inconjuntos’ há cansaço, e portanto diferença. Caeiro é Caeiro, mas Caeiro doente. Nem sempre doente, mas às vezes doente. Inédito mas um pouco alheado.” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, 1997: 70)

“Agora, pelo contrário, se a minha idade continuar a prolongar-se, sei que será necessário que sofra as consequências da velhice: ver pior, ouvir menos, ser mais lento a aprender e mais esquecido do que aprendi.” (Xenofonte, *Apologia de Sócrates*, s/d: 102-3)

“Depois disso, nada igualou a paz e a serenidade dos seus últimos dias, tanto mais que, por especial e extraordinária concessão do eleitor, foi o cárcere onde se encontrava aberto de modo a permitir que os muitos

amigos que tinha na cidade o visitassem livremente de dia ou de noite.”

(Heinrich von Kleist, *Michael Kohlhaas, o Rebelde*, 1885: 148)

“Depois, quando os companheiros quiseram tirá-lo da cadeia às escondidas, não o consentiu, e até pareceu zombar deles ao perguntar-lhes se conheciam algum lugar fora da Ática que não estivesse ao alcance da morte.” (Xenofonte, *Apologia de Sócrates*, s/d: 109)

– Mas onde encontraremos, Sócrates – replicou ele –, um virtuoso esconjurador de tais medos, posto tu nos vais deixar?

– (...) é preciso procurar também entre vós, pois talvez não encontreis homem mais hábil para pronunciar esses esconjuros do que vós.” (Platão, *Fédon*, s/d: 83)

“Chamaram-no os Deuses, ainda tão novo” (Fernando Pessoa / Ricardo Reis, *Prosa*, 2003: 146)

“E quanto às circunstâncias da sua morte, Fédon? Que se disse e que se fez? E quais dos seus fiéis amigos estiveram a seu lado?” (Platão, *Fédon*, s/d: 31)

“Então todos os discípulos O abandonaram e fugiram.” (*Evangelho segundo S. Mateus*, 26: 56)

“era como se ficássemos privados de um pai e vivêssemos como órfãos o resto da nossa vida.” (Platão, *Fédon*, s/d: 168)

“Bem, eu experimentei estranhas emoções ao encontrar-me ali. Não me invadiu um sentimento de piedade como poderia naturalmente ter ao assistir à morte de um amigo íntimo; pois ele parecia-me um homem feliz, Equécrates: feliz tanto pelo procedimento como pelas suas palavras, indo ao encontro da morte com tanta coragem e serenidade.” (Platão, *Fédon*, s/d: 32-3)

“Nunca vi triste o meu mestre Caeiro. Não sei se estava triste quando morreu, ou nos dias antes. Seria possível sabê-lo, mas a verdade é que nunca ousei perguntar aos que assistiram à morte qualquer coisa da morte ou de como ele a teve.” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, “Notas para a recordação do meu mestre Caeiro”, 1931: 46)

“EQUÉCRATES – Quem eram, Fédon, os que estavam presentes?

FÉDON – Dos Atenienses estavam esse Apolodoro, Critóbulo e seu pai, e também Hermógenes, Epígenes, Ésquines e Antístenes; também estava Ctesipo, o de Peanea e Menéxeno e mais alguns atenienses. Platão, julgo que estava doente.” (Platão, *Fédon*, s/d: 33)

“Nenhum dos discípulos estava então ao pé de Jesus.” (Ernest Renan, *Vida de Jesus*, 1863: 379)

“João, contudo, declara ter estado presente e ter permanecido sempre ao pé junto da cruz.” (Ernest Renan, *Vida de Jesus*, 1863: 382)

“Em todo o caso, foi uma das angústias da minha vida – das angústias reais em meio de tantas que têm sido fictícias – que Caeiro morresse sem eu estar ao pé dele. Isto é estúpido mas humano, e é assim.

Eu estava em Inglaterra. O próprio Ricardo Reis não estava em Lisboa; estava de volta no Brasil. Estava o Fernando Pessoa, mas é como se não estivesse.” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, “Notas para a recordação do meu mestre Caeiro”, 1931: 46)

“No momento da morte de Edmund Husserl, em Abril de 1938, Heidegger ‘estava doente de cama.’ De modo chocante, no seu protocolo de desnazificação, de 1945, Heidegger exprime remorsos por não ter enviado à viúva uma carta de condolências.” (George Steiner, *As Lições dos Mestres*, 2003: 74)

“– Preparámos apenas, Sócrates – disse – a quantidade que cremos ser conveniente beber.

– Compreendo, – respondeu ele – mas ao menos é permitido, e é mesmo um dever dirigir uma prece aos deuses, para o feliz sucesso desta mudança de residência, daqui para o Além. Esta é pois a minha prece: que assim seja!” (Platão, *Fédon*, s/d: 171)

“E até então, a maioria de nós, para guardar as conveniências, tinha sido capaz de conter-se para não chorar, mas quando o vimos beber, já não; as minhas lágrimas corriam em fio, a ponto de tapar a cara para chorar à vontade, por mim, porque não era pelo seu infortúnio, mas pela minha própria desdita, de ficar privado de um tal companheiro!” (Platão, *Fédon*, s/d: 171-2)

“disse estas palavras, as últimas que pronunciou:

– Críton, devemos um galo a Asclépio. Paga esta dívida e não te descuides.” (Platão, *Fédon*, s/d: 172)



*“E assim acaba o mundo*

*E assim acaba o mundo*

*E assim acaba o mundo*

*Não com uma explosão mas com um soluço.”* (T. S. Eliot, *Os Homens Vazios*, 1925: 41)

“Como morre um homem? Estranho ninguém reflectiu nisso.

(...)

Todavia a morte é algo que é feito; como morre um homem?

Todavia alguém ganha a sua morte, a sua própria morte, que não pertence a nenhum outro

e este jogo é a vida.” (Yorgos Seferis, *Diário de Bordo*, 1940: 89)

“Qual foi o destino que fez perecer Édipo, não há mortal que o saiba dizer, excepto o nobre Teseu. Não foi um raio, portador do fogo divino, a exterminá-lo, ou uma tempestade que então se erguesse do mar. Foi antes um emissário dos deuses; ou os sombrios fundamentos da terra, o reino dos mortos que se abriram diante dele, num acto de benevolência.” (Sófocles, *Édipo em Colono*, s/d: 141-2)

“Alguns doentes tinham passado para uma galeria, sedentos do ar da primavera, e ouviram os patos:

– Aonde é que vão? aonde é que vão? (...)

– Vamos para onde não há dor nem sofrimento.

– Deixem-nos ir convosco!

– Este ano, não; este ano, não! – gritou Nils.” (Selma Lagerlöf, *A Maravilhosa Viagem de Nils Holgersson através da Suécia*, 1906: 193)

“O que é o “sentido da vida”? É uma coisa que só podemos captar nas vidas dos outros que, por serem objecto de narração, se nos apresentam como consumadas, seladas pela morte.” (Ítalo Calvino, *Seis Propostas para o Próximo Milénio*, 1990: 157)

“de cada vez, e de cada vez singularmente, de cada vez insubstituivelmente, de cada vez infinitamente, a morte é nada menos do que um fim *do* mundo. Não *apenas* um fim entre outros, um fim de alguém ou de alguma coisa *no mundo*, o fim

de uma vida ou de um ser vivo. A morte não põe um termo a alguém no mundo, nem a *um* mundo entre outros, ela marca de cada vez, de cada vez a desafiar a aritmética o absoluto fim do único e mesmo mundo, daquilo que cada qual abre com um único e mesmo mundo, o fim do único mundo, o fim da totalidade daquilo que é ou que se pode apresentar como a origem do mundo para certo e único ser vivo” (Jacques Derrida, *Carneiros / Aríetes*, 2003: 23)

“Daí Barukh de Mezbizh ter dito: ‘Quando uma palavra é pronunciada em nome do seu autor, os lábios deste movem-se dentro do túmulo. E os lábios de quem profere a palavra movem-se do mesmo modo que os do Mestre já morto.’” (George Steiner, *As Lições dos Mestres*, 2003: 127)

“Subsistirá. É pior do que isso.

Prendei-o. Viverá de tal forma

que as próprias grades farão causa com êle.

E matá-lo não é solução.

O poeta

O Poeta

O POETA

destroi-vos” (Mário Cesariny de Vasconcelos, *Nobilíssima Visão*, 1959: 8)

“Ninguém é inconsolável ao pé da memória de Caeiro” (Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, “Notas para a recordação do meu mestre Caeiro”, 1931: 46)

“Dois mil e quinhentos anos depois da tecedura de Platão, parece que agora não só os deuses, mas também os sábios se retiraram, deixando-nos sozinhos com nossa ignorância e nosso parco conhecimento das coisas. O que nos restou no lugar dos sábios são seus escritos, com seu brilho áspero e sua crescente obscuridade” (Peter Sloterdijk, *Regras para o Parque Humano*, 1999: 56)

“Hoje em dia, a liberdade (...) tornou-se total porque a nossa miséria é à medida da nossa liberdade e a nossa imaginação se tornou capaz de se confrontar com a infinita possibilidade do vazio. Não contemplamos um “estado da natureza” mas um estado não natural, pós-natural, pós-humano,

inumano. (...) O abstracto é a nossa natureza (...) Fora do abstracto não há senão a indecência de uma vida natural já morta, de uma religião que já não tem santuário.” (Toni Negri, *Arte e Multitude*, 1988: 39)

“– não tivemos de facto tempo para sermos maus filhos  
e já somos maus pais” (Pier Paolo Pasolini, *Poemas*, 1970: 16)

“Para que silêncio maior eu me encaminho? Como terei sabedoria suficiente para abandonar esta escrita? E parar de ler, de citar?” (Pedro Eiras, *Anais de Pena Ventosa*, 2001: 389)

“Natanael, neste momento, dita fora este livro.” (André Gide, *Os Alimentos Terrestres*, 1897: 163)

“Se nós, sombras, molestámos,  
Pensai bem no que contámos:  
Não foi mais que um dormir  
Que vos fez ver e escutar  
Visões de um tema enfadonho  
Mas que não passou de um sonho.  
Não leveis a mal, senhores,  
Seremos depois melhores.  
(...)

Falsa não é nossa voz.

Boa noite a todos vós.” (William Shakespeare, *Sonho de uma Noite de Verão*, s/d: V.1.416-29)

## "Bibliografias.

Sempre que uma obra foi consultada numa língua que não o português (...), a tradução dos excertos citados é nossa." (Pedro Eiras, *Esquecer Fausto*, 2005: 693)

- Actos de Pedro e dos Doze Apóstolos*  
s/d in *Evangelhos Gnósticos – Biblioteca de Nag Hammadi II*, Lisboa, Êsquilo, 2005: 223-32.
- ADORNO, Theodor W.  
1955 ed. ut.: "Caracterização de Walter Benjamin", in Walter Benjamin, *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, Lisboa, Relógio d'Água, 1992: 7-26.
- ALEXANDRE, António Franco  
2004 *Aracne*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- Apócrifo de Tiago*  
s/d in *Evangelhos Gnósticos – Biblioteca de Nag Hammadi II*, Lisboa, Êsquilo, 2005: 284-92.
- ARISTÓFANES  
423 a.C. ed. ut.: *Nuvenus*, in *Comédias*, I, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / INCM, 2006: 323-453.
- AUSTER, Paul  
1985 *City of Glass*; ed. ut.: *Cidade de Vidro*, in *A Trilogia de Nova Iorque*, Porto, Asa, 2000: 7-137.
- BARNES, Djuna  
1929 *A Night among the Horses*; ed. ut.: *Uma Noite entre os Cavalos*, Lisboa, Hiena, 1994.
- BARTHES, Roland  
1980 *La Chambre Claire (Note sur la photographie)*; ed. ut.: *A Câmara Clara*, Lisboa, Edições 70, 2005.
- BATESON, Gregory  
1972 *Metalogues*; ed. ut.: *Metadiálogos*, 3ª ed., Lisboa, Gradiva, 1996.
- CALASSO, Roberto  
2001 *La Letteratura e Gli Dèi*; ed. ut.: *A Literatura e os Deuses*, Lisboa, Gótica, 2003.
- CALVINO, Italo  
1990 *Lezioni Americane – Sei proposte per il prossimo millennio*; ed. ut.: *Seis Propostas para o Próximo Milénio*, 4ª ed., Lisboa, Teorema, 2002.
- CARTER, Ângela  
1979 *The Bloody Chamber*; ed. ut.: *O Quarto dos Horrores*, Lisboa, Caminho, 1991.
- CASTRO, E. M. de Melo e  
2003 *Antologia para Inici-antes*, Porto, Editorausência.
- CHKLOVSKI, Victor  
1917 ed. ut.: "A arte como processo", in *Teoria da Literatura. Textos dos formalistas russos apresentados por Tzvetan Todorov*, I, Lisboa, Edições 70, 1987: 73-95.
- COMPAGNON, Antoine  
2007 *La Littérature, pour quoi Faire?*; ed. ut.: *Para que Serve a Literatura?*, Porto, Deriva, 2010.
- CORBE  
2011 "De l'amour", in Saguenail, *Tout le Tremblement*, Porto, Hélaestre, 2011: 44.
- DERRIDA, Jacques  
2002 *Fichus. Discours de Francfort*, Paris, Galilée.  
2003 *Béliers. Le dialogue ininterrompu: entre deux infinis, le poème*, Paris, Galilée.  
2004 "Le lieu dit: Strasbourg", in AA.VV., *Penser à Strasbourg*, Paris, Galilée – Ville de Strasbourg: 31-59.
- DUCHAMP, Marcel  
1966 *Ingénieur du Temps Perdu (Entretiens avec Pierre Cabanne)*; ed. ut.: *Engenheiro do Tempo Perdido. Entrevistas com Pierre Cabanne*, 2ª ed., Lisboa, Assírio & Alvim, 2002.
- EAGLETON, Terry  
1983 *Literary Theory. An introduction*; ed. ut.: 2ª ed., Minneapolis, The University of Minnesota Press, 1996.
- ECO, Umberto  
1997 *Cinque Scritti Morali*; ed. ut.: *Cinco Escritos Morais*, Lisboa, Difel, 1998.
- EIRAS, Pedro  
2001 *Anais de Pena Ventosa*, Porto, Campo das Letras.  
2005 *Esquecer Fausto. A fragmentação do sujeito em Raul Brandão, Fernando Pessoa, Herberto Helder e Maria Gabriela Llansol*, Porto, Campo das Letras.  
2009 *Tentações. Ensaio sobre Sade e Raul Brandão*, Porto, Deriva.
- ELIOT, T. S.  
1925 *The Hollow Men*; ed. ut.: *Os Homens Vazios*, editado com *Quarta-Feira de Cinzas*, Lisboa, Hiena, 1994.
- Evangelho da Verdade*  
s/d in *Evangelhos Gnósticos – Biblioteca de Nag Hammadi II*, Lisboa, Êsquilo, 2005: 145-159.
- Evangelho de Filipe*  
s/d in *Evangelhos Gnósticos – Biblioteca de Nag Hammadi II*, Lisboa, Êsquilo, 2005: 28-54.
- Evangelho de Tomé*  
s/d in *Evangelhos Gnósticos – Biblioteca de Nag Hammadi II*, Lisboa, Êsquilo, 2005: 81-98.
- Evangelho segundo S. Mateus*  
s/d in *Bíblia Sagrada*, 15ª ed., Lisboa, Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), 1991: 1288-1332.
- FAURE, Élie  
1911 *Nietzsche*; ed. ut.: Lisboa, Hiena, 1993.
- Florilégio*  
s/d *Fioretti*; ed. ut.: *Florilégio. São Francisco de Assis*, Lisboa, Estampa, 1991.
- GENET, Jean  
1968 *Les Bonnes*, Paris, Gallimard.
- GIDE, André  
1897 *Les Nourritures Terrestres*; ed. ut.: *Les Nourritures Terrestres suivi de Les Nouvelles Nourritures*, Paris, Gallimard, 1993: 7-163.

- 1935 *Les Nouvelles Nourritures*; ed. ut.: *ibidem*: 165-246.
- HAHN, Ulla  
1985 *Freudenfeuer*; ed. ut.: *Fogo de Alegria, in A Sede entre os Limites*, Lisboa, Relógio d'Água, 1992: 91-137.
- HATHERLY, Ana  
1963 *O Mestre*; ed. ut.: 2ª ed., Lisboa, Moraes Editores, 1976.
- JABÈS, Edmond  
1973 • (*El, ou le dernier livre*); ed. ut.: *Le Livre des Questions*, II, Paris, Gallimard, 1991: 463-581.
- JUARROZ, Roberto  
1998 ed. ut.: *Poesia Vertical*, Porto, Campo das Letras.
- KAFKA, Franz  
1919 ed. ut.: *Carta ao Pai*, Lisboa, Guimarães, 2000.
- KAKU, Michio  
2004 *Einstein's cosmos: How Albert Einstein's vision transformed our understanding of space and time*; ed. ut.: *O Cosmo de Einstein. Como a visão de Albert Einstein transformou nossa compreensão de espaço e tempo*, São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- KIERKEGAARD, Søren  
1844 ed. ut.: *Miettes Philosophiques*, Paris, Gallimard, 1994.
- KLEIST, Heinrich von  
1885 *Michael Kohlhaas*; ed. ut.: *Michael Kohlhaas, o Rebelde*, 3ª ed., Lisboa, Antígona, 2004.
- KRAUS, Karl  
1922 *Die Letzten Tage der Menschheit*; ed. ut.: *Os Últimos Dias da Humanidade*, Lisboa, Antígona, 2003.
- LACAN, Jacques  
1974a *Télévision*; ed. ut.: *Televisão*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.  
1974b *Le Triomphe de la Religion*; ed. ut.: *O Triunfo da Religião*, Jorge Zahar Editor, 2005.
- LAGERLÖF, Selma  
1906 *Nils Holgerssons Underbairra Resa Genom Sverige*; ed. ut.: *A Maravilhosa Viagem de Nils Holgersson através da Suécia*, Lisboa, Relógio d'Água, s/d.
- LAWRENCE, D. H.  
1920 ed. ut.: "O homem que morreu", in *Amor no Feno e outros contos*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988: 125-168.  
1930 *Apocalypse*; ed. ut.: *Apocalipse*, Lisboa, Hiena, 1993.
- LISPECTOR, Clarice  
1969 *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*; ed. ut.: Lisboa, Relógio d'Água, 1999.  
1977 *A Hora da Estrela*; ed. ut.: Lisboa, Relógio d'Água, 2002.
- Livro de Tomé, o Atleta*  
s/d in *Evangelhos Gnósticos – Biblioteca de Nag Hammadi II*, Lisboa, Ésquilo, 2005: 263-74.
- LLANSOL, Maria Gabriela  
1987 *Finita. Diário 2*, Lisboa, Rolim.
- LOPES, Teresa Rita  
1997 "Notas Prévias" a Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, Lisboa, Estampa: 11-34.
- LOURENÇO, Eduardo  
1973 *Pessoa Revisitado. Leitura estruturante do drama em gente*; ed. ut.: 3ª ed., Lisboa, Gradiva, 2000.
- MAIAKOVSKI, Vladímir  
1915 "ОБЪЯКО В ШТАХАХ"; ed. ut.: "A nuvem de calças", in AA.VV., *Poetas Russos*, Lisboa, Relógio d'Água, 1995: 61-113.
- MARKSON, David  
2001 *This is not a Novel*, Washington D. C., Counterpoint.
- MICHAUX, Henri  
1930 *Un Certain Plume*; ed. ut.: Lisboa, Hiena, 1992.
- NAVA, Luís Miguel  
1991 "Intertextualidade na poesia portuguesa contemporânea"; ed. ut.: *Ensaaios Reunidos*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004: 75-94.
- NEGRI, Toni  
1988 *Arte e Multidão*; ed. ut.: *Art et Multitude. Neuf lettres sur l'art*, Paris, EPEL, 2005.
- NETO, João Cabral de Melo  
1975 *Museu de Tudo*; ed. ut.: *Poesia Completa 1940-1980*, Lisboa, INCM, 1986: 75-121.
- NIETZSCHE, Friedrich  
1883 *Also Sprach Zarathustra*, II; ed. ut.: *Assim Falava Zarathustra*, 11ª ed., Lisboa, Guimarães Editores, 1997: 89-165.  
1884 *Also Sprach Zarathustra*, III; ed. ut.: *ibidem*: 167-262  
1887 *Zur Genealogie der Moral*; ed. ut.: *A Genealogia da Moral*, 7ª ed., Lisboa, Guimarães, 1997.
- PASOLINI, Pier Paolo  
1970 *Poesie*; ed. ut.: *Poemas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2005.
- PESSOA, Fernando  
1920 carta a Ofélia Queirós, datada de 29 de Novembro de 1920; ed. ut.: *Correspondência 1905-1922*, ed. Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim, 1998: 359-61.
- PESSOA, Fernando / CAEIRO, Alberto  
2001 *Poesia*, Lisboa, ed. Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim.
- PESSOA, Fernando / CAMPOS, Álvaro de  
1928 poema sem título, iniciado pelo verso "Mestre, meu mestre querido!"; ed. ut.: *Livro de Versos*, ed. Teresa Rita Lopes, 2ª ed., Lisboa, Estampa, 1994: 246-7.  
1931 "Notas para a recordação do meu mestre Caeiro" [capítulos 1 a 5], in *Presença*, nº 30; ed. ut.: *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, ed. Teresa Rita Lopes, Lisboa, Estampa: 35-47.  
1997 *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro* [inclui textos inéditos], ed. Teresa Rita Lopes, Lisboa, Estampa.
- PESSOA, Fernando / REIS, Ricardo  
2003 *Prosa*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- PLATÃO

- s/d ed. ut.: *Apologia de Sócrates*, Lisboa, Edições 70, 1997.
- s/d ed. ut.: *Fédon*, 2ª ed., Lisboa, Guimarães Editores, 2003.
- s/d ed. ut.: *Fedro*, Lisboa, Edições 70, 1997.
- s/d ed. ut.: *Teeteto*, 2ª ed., Lisboa, Gulbenkian, 2008.
- QUIGNARD, Pascal  
2002 *Les Ombres Errantes. Dernier Royaume, I*; ed. ut.: Paris, Gallimard, 2004.
- RENAN, Ernest  
1863 *Vie de Jésus*; ed. ut.: *Vida de Jesus*, Porto, Lello & Irmão Editores, s/d.
- SALINGER, J. D.  
1948 *Nine Stories*; ed. ut.: *Nove Contos*, 2ª ed., Lisboa, Difel, 2005.
- SEFERIS, Yorgos  
1940 ed. ut.: poemas de *Diário de Bordo, I*, in *Poemas Escolhidos*, Lisboa, Relógio d'Água, 1993.
- SHAKESPEARE, William  
s/d *A Midsummer Night's Dream*; ed. ut.: *Sonho de uma Noite de Verão*, Porto, Campo das Letras, 2002.
- SLOTERDIJK, Peter  
1999 *Regeln für den Menschenpark: Ein Antwortschreiben zu Heideggers Brief über den Humanismus*; ed. ut.: *Regras para o Parque Humano. Uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*, São Paulo, Estação Liberdade, 2000.
- SÓFOCLES  
s/d ed. ut.: *Édipo em Colono*, Coimbra, Minerva, 1996.
- STEINER, George  
2003 *Lessons of the Masters*; ed. ut.: *As Lições dos Mestres*, Lisboa, Gradiva, 2005.
- TAVARES, Gonçalo M.  
2001 *Livro da Dança*, Lisboa, Assírio & Alvim.  
2011 *Short Movies*, Alfragide, Caminho.
- TIEDEMANN, Rolf  
1989 "Introduction" a Walter Benjamin, *Paris, Capitale du XX<sup>e</sup> Siècle. Le Livre des Passages*, Paris, Cerf, 1989: 9-32.
- TSVIETAEVA, Marina  
1919 *Zemnie Primeti*; ed. ut.: *Indícios Terrestres*, Lisboa, Relógio d'Água, 1995.  
1933 *Neuf Lettres avec un Dizième Retenue et une Onzième Reçue ("Nuits Florentines")*; ed. ut.: *"Noites Florentinas"*, Lisboa, Hiena, 1994.  
1934 *Mon Frère Féminin (Lettre à l'Amazonie)*; ed. ut.: *Meu Irmão Feminino (Carta à Amazonia)*, Lisboa, Hiena, 1994.
- TZARA, Tristan  
1924 ed. ut.: "Dada manifesto sobre o amor débil e o amor amargo", in *Sete Manifestos Dada*, Lisboa, Hiena, 1987: 37-47.
- VASCONCELOS, Mário Cesariny de  
1959 *Nobilíssima Visão*; ed. ut.: Lisboa, Assírio & Alvim, 1991.
- WEIL, Simone  
1951 *Lettre à un Religieux*; ed. ut.: *Carta a um Homem Religioso*, Coimbra, Ariadne, 2003.
- WILDE, Oscar  
1889 *The Decay of Lying*; ed. ut.: *O Declínio da Mentira*, 4ª ed., Lisboa, Vega, 2005.
- WOLF, Christa  
1983 *Kassandra*; ed. ut.: *Cassandra*, Lisboa, Cotovia, 1989.
- WOLFF, Francis  
1985 *Socrate*; ed. ut.: *Sócrates*, Lisboa, Teorema, 1987.
- XENOFONTE  
s/d ed. ut.: *Apologia de Sócrates*, in *Banquete. Apologia de Sócrates*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008: 99-114.
- YAMAHATA, Hôgen  
s/d ed. ut.: *Folhas Caem, um Novo Rebento / Falling leaves. a shooting sprout*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2002.

“Este ensaio foi elaborado no âmbito do Projecto “Interidentidades” do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Unidade I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, integrada no Programa Operacional Ciência e Inovação 2010 (POCI 2010), do Quadro Comunitário de Apoio III (POCI 2010-SFA-18-500).” (Pedro Eiras, *Tentações*, 2009: 190)